

UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA DA HISTÓRIA DE VIDA, TRAJETÓRIA NO MOVIMENTO ESPÍRITA, E MEDIUNIDADE DE FRANCISCO PEIXOTO LINS.

Emmanuelle Vieira de Melo Leite

O centro espírita no qual fizemos nossa pesquisa chama-se Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins, mais comumente citada como “Fraternidade Peixotinho”, e na maioria das vezes é referida simplesmente como “Peixotinho”. Fica situada no bairro de Boa Viagem, zona sul da cidade do Recife, em Pernambuco.

Francisco Peixoto Lins, a quem esse centro presta homenagem, foi um médium cearense que teve atividade destacada no movimento espírita brasileiro, sendo até conhecido internacionalmente entre os adeptos dessa doutrina. Nasceu em fevereiro de 1905, na cidade de Pacatuba (CE), e faleceu em Campos (RJ) no dia 16 de junho de 1966. Serviu ao exercito e fez carreira como militar, o que resultou em inúmeras transferências e mudanças de cidade. Possuía faculdades mediúnicas desde a tenra idade, mas como era de uma família bastante católica seus parentes temiam envolver-se no Espiritismo.

Era um médium raro porque detinha praticamente todos os tipos de mediunidades possíveis. Era vidente, habilitado para a psicografia e psicofonia¹, a partir dele se produziam fenômenos de voz direta e indireta, entre outras habilidades. A faculdade mediúnica pela qual ele ficou mais conhecido foi a sua mediunidade de efeitos físicos, que trata da capacidade do individuo liberar ectoplasma¹. A liberação dessas substancia possibilita a materialização de vários objetos, de espíritos², e trata-se de algo extremamente raro.

A Fraternidade foi fundada por uma das filhas do médium Peixoto Lins. Por sinal, a família segue cuidando e organizando a Fraternidade, sendo o dirigente neto de Peixotinho, e vários outros parentes trabalham no local.

O fato deste centro ter sido fundado pela família do médium faz com que ele se diferencie de outros devido a sua ligação íntima com ele que foi uma personalidade importante dentro do movimento espírita. Portanto, o médium é citado tanto em preces

quanto durante as palestras, majoritariamente pelos membros da sua família que comentam histórias a respeito dele e/ou aspectos da sua mediunidade e dos trabalhos espirituais que realizava.

O acesso às informações sobre a vida e obra de Peixotinho passa pelo que os que conviveram com ele comentam a seu respeito, já que não existe nenhuma pesquisa fora do movimento espírita à respeito da sua trajetória, além do médium, segundo os meus informantes, não ter deixado nada documentado – escritos, entrevistas, vídeos – somente algumas fotos. Ao realizar este trabalho na Fraternidade Peixotinho um dos entrevistados indicou o livro *Materialização do Amor* editado pelo genro do médium que resume a sua trajetória a partir da coleta de depoimentos de familiares e amigos dele, assim como a compilação das atas elaboradas durante as sessões mediúnicas que participou. Apesar da nossa tentativa de encontrar outras fontes, e de perguntar a vários trabalhadores mais detalhes sobre o médium cearense, todos se remetiam ou a esse livro, ou ao que algum palestrante – normalmente parente de Peixotinho – havia comentado nas *reuniões públicas*.

Nesse sentido, Claudia Swatowiski (2007) ao elaborar um artigo tendo como foco analítico o livro *Mistérios da Fé*, escrito por Edir Macedo e editado pela Universal Produções, se deparou com uma situação similar à que temos nesta pesquisa: a utilização de uma produção escrita nativa como fonte de dados. Diante de tal situação ela nos lembra que:

“A não-ocorrência de uma interação face-a-face com o meu “informante”, mas sim de uma comunicação mediada, implica, por um lado, a inexistência de todos os elementos que se agregam a um contato pessoal (cf. Goffman 2003), e, por outro, a condição niveladora que a mediação implica. Além disso, diante de uma comunicação mediada, me encontro numa posição ambígua: a de pesquisadora e a de receptora. Não sou apenas aquela que traduz e analisa, mas, antes disso, sou receptora da mensagem como qualquer outro leitor. Com isso, quero chamar a atenção para o fato de que o pesquisador, ao tomar o texto de Macedo como fonte, não apenas opera uma tradução, mas participa de múltiplos contextos de recepção. Pois o pesquisador também possui uma trajetória marcada por experiências específicas e compartilha referências, visões de mundo e valores de determinados grupos sociais.” (p. 117).

Ao elaborar a nossa análise não podemos perder de vista as questões levantadas por Swatwosiki e o viés por trás desse tipo de fonte já que se trata do livro editado pelos familiares de Peixotinho.

Dois Franciscos: Xavier e Peixoto, dois médiuns com muitas proximidades e diferenças.

Peixotinho foi contemporâneo de Francisco Cândido Xavier, chegaram a se reunir por diversas vezes, mantendo contato constante por cartas. Fez diversas visitas ao médium mineiro, com o qual realizou *sessões mediúnicas*. Curiosamente, ambos os médiuns possuem o mesmo nome: Francisco, e nasceram em anos próximos – Peixotinho em 1905 e Chico Xavier em 1910. As proximidades não param aí, contudo ao lado delas existem diferenças marcantes. É diante deste quadro de semelhanças e diferenças que optamos por uma reflexão comparativa entre os dois médiuns – Peixotinho e Xavier – para elucidar pontos relevantes da trajetória do primeiro fazendo contrapontos e aproximações com o segundo, já que dentro do contexto estudado eles são percebidos como complementares.

Logo de início, a proximidade entre eles é reforçada no campo por algo que o dirigente da Fraternidade chegou a comentar: os dois foram mãe (Chico Xavier) e filho (Peixotinho) em outra vida, e isso fez com que retornassem nessa encarnação com missões que se entrecruzavam. O conhecimento das posições – sociais, familiares - ocupadas em encarnações passadas, para os espíritas, possibilita que os indivíduos compreendam alguns dos acontecimentos da vivência atual, assim como explica os diferentes graus de afinidades entre as pessoas. No caso dos dois médiuns, a noção de uma relação maternal-filial preexistente à amizade na existência mais recente gerou um estreitamento dos laços afetivos entre eles, promovendo uma maior solidariedade e fluência no intercâmbio de trabalhos e informações.

Percebe-se também nesse aspecto um reflexo do posicionamento ocupado pela mediunidade de cada um; enquanto a mediunidade de Chico parece ser posta em um patamar mais valorizado – mãe - por sua ligação com a questão da escrita e do estudo, enquanto a de Peixotinho – filho - era tido como a manifestação concreta que corroborava aquilo que era relatado nos livros. Assim como o fato de Chico ter aderido ao Espiritismo antes de Peixotinho, e de forma mais enfática, sem ter passado por períodos de vivências ligadas a aspectos terrenos – álcool, cigarro, matrimônio – o que faz com que tenha se tornado o modelo de espírita que é divulgado pelas instâncias federativas (FEB, e as federações estaduais), ao contrário de Peixotinho cuja ligação institucional com a FEB se

limitava a seguir as recomendações prescritas a qualquer centro espírita filiado à federação³.

Dessa forma, a primeira diferença a observar lida com o afloramento da mediunidade dos dois. Enquanto em Peixotinho ela é desencadeada devido a influência de espíritos obsessores que o levaram a uma série de problemas de saúde. Esse quadro é atribuído a uma mediunidade que está fora de controle, na qual ao invés do médium controlar o seu corpo contra possíveis agentes externos ele é manipulado por entidades que visam prejudicá-lo. O afloramento da mediunidade de Chico Xavier⁴ se deu de maneira diferente, ocorrendo de forma mais sutil, a partir de diálogos com o espírito da sua mãe.

Podemos aqui também apresentar mais uma semelhança: ambos se tornaram órfãos muito cedo, tendo sido criados por familiares católicos o que fez com que só descobrissem o Espiritismo no final da adolescência. Porém, como Chico Xavier já recebia a orientação do espírito da mãe, e por ter começado a trabalhar desde novo, a sua infância e adolescência foi mais regrada do que a de Peixotinho que cometeu diversos atos como o consumo de álcool e cigarro, atitudes mal vistas pela moralidade espírita. Logo, percebemos que Chico Xavier teve uma fase de preparação até o encontro com o seu *mentor espiritual*, proporcionada pela sua mãe, que constantemente lhe recomendava “paciência, resignação e fé em Jesus”. Portanto, no médium mineiro é notória a presença constante de espíritos *desencarnados* guiando a sua trajetória, denotando que a sua doutrinação começou desde a infância - a partir da figura da mãe que mesmo tendo falecido continuava por perto para orientá-lo e educa-lo dentro dos preceitos cristãos - e posteriormente, a partir do final da adolescência e início da vida adulta, essa posição foi assumida pelo seu mentor espiritual – o “Emmanuel”.

Vale sublinhar ainda a maneira como o *espírito guia* de Chico Xavier se apresenta – com vestes de sacerdote, semelhante a um padre jesuíta⁵ – denota claramente um maior contato do médium mineiro com elementos do Catolicismo, presente e relevante na sua vida até o momento em que o mentor surge. Esse contato quase diário por meio de diálogos caracteriza a presença mais constante na vida de Chico Xavier de entidades

incumbidas da função de indicar quais deveriam ser as suas atitudes e reações perante o que acontecia no seu dia-a-dia, e também de determinar o andamento das suas atividades mediúnicas.

Pensando a respeito dessa interação de Chico Xavier com a figura materna, procuramos saber de A. L. - o dirigente da Fraternidade Espírita Peixotinho - sobre uma possível interação do médium cearense com a sua mãe quando criança:

E: Peixotinho conversava com a mãe quando mais novo assim como Chico Xavier?

A. L.: Não, não, Peixotinho não tinha essa interação toda. Ele tinha interação com o mundo espiritual, possivelmente com a mãe também, mas não chegava a ser essa interação constante como a de Chico não. Talvez uma... talvez ele tivesse uma autonomia maior. A característica de Chico era uma característica... de muita, de muita dedicação aos espíritos e isso era fantástico e Peixotinho a gente pode dizer, lógico, melhor do que nós, que ele também estava no nosso ambiente terreno, então ele teve uma autonomia de agir. Ele agiu, e foi e fez, não tinha essa interação... quer dizer interação constante com os espíritos, mas não interação com os espíritos de conversa constante com mãe realmente ele não teve não.

Peixotinho, assim, teve uma extensa fase onde suas interações não eram majoritariamente com *desencarnados*, e sim com ambos os mundos – o “visível” e o “invisível” - só se convertendo de fato ao Espiritismo e assumido completamente a sua função de médium materializador após a morte da sua segunda filha que viria a se tornar a sua guia espiritual. Apesar disso a sua *autonomia* com relação ao mundo espiritual era maior, visto que a influencia da sua guia diminuiu há medida em que foi aderindo aos preceitos da doutrina espírita. Ou seja, percebe-se aqui uma *autonomia maior* da parte de Peixotinho quanto ao mundo espiritual, e uma *submissão maior* de Chico Xavier ao mesmo.

Essa divergência de *autonomia*⁶ reflete-se na doutrinação do médium cearense, que mesmo tendo contato direto e constante com o mundo dos espíritos ela ocorreu de forma mais lenta e gradual, só se intensificando a partir do momento em que a filha torna-se a sua *guia espiritual* e ele tem que assumir enfaticamente o compromisso com o trabalho mediúnico e com os preceitos da doutrina espírita, ou seja, quando de fato tornou-se

espírita⁷. Como podemos perceber a partir das respostas de A. L. para os nossos questionamentos acerca desse aspecto:

E: E o relacionamento com a guia dele?

A: A Aracy?

E: Ah, Aracy, como é que era?

A: Depois de desencarnada a Aracy ele começou a ter realmente um assédio muito grande dela por ele... ou um, uma, um método educativo. Então quando ele queria fazer coisas que não estivessem nas diretrizes ou na própria moralidade cristã, ou até mesmo da saúde, Era habitual naquela época que os homens fumassem, num é?! Era algo normal, a pessoa tinha que usar o cigarro e o bigode, era da natureza masculina. Então quando ele ia tentar fumar o Aracy aparecia para ele e apontava para que ele não fizesse. Balança o dedinho "não", a presença de Aracy foi muito forte nesse sentido, mais forte até do que quando ele começou o trabalho na mediunidade espírita, tornou-se espírita... à medida que ele ingressou profundamente no trabalho espírita a Aracy não precisou estar com frequência, né? Com ele, até porque a própria conduta dele não precisava mais ser repreendida. Então os espíritos, eles respeitam muito a nossa, o nosso livre-arbítrio, e a nossa autonomia, ele tinha um compromisso mediúnico e no minuto que ele o assumiu o compromisso, bom "agora você toca seu barco e nós estamos aqui lhe protegendo".

A partir do momento em que Peixotinho aceitou sua condição de médium e todas as implicações religiosas que adivinham dela – restrições alimentares (não podia comer carne nos dias de sessões mediúnicas), de deslocamento (não podia viajar de avião), de atividades que podia praticar, entre outros elementos que constituem a conduta ideal de um médium espírita – o contato com a filha passou a ser cada vez menos necessário e mais esporádico. Contudo, mantinha contato direto com uma infinidade de espíritos *desencarnados* que participavam das *reuniões mediúnicas* que realizava, e cada um procurava à sua maneira passar orientações doutrinárias tanto para o médium quanto para o grupo presente em cada uma das sessões servindo, portanto, de mentores espirituais. Os dados nos levam a interpretar, então, a partir da categoria de autonomia, que sendo a ligação de Peixotinho com o mundo espiritual não restrita somente a um *mentor* e sim a uma multiplicidade de espíritos que cumpriam o papel de seus orientadores, aparentemente refletindo uma maior impessoalidade, fazendo com que ele fosse mais autônomo, independente de outros agentes, já que nenhum espírito em particular tinha ascensão definitiva sobre ele – ao contrário de Chico Xavier.

Assim, as orientações dos diversos espíritos não restringiram as vivências de Peixotinho, que pode ter uma vida mais próxima do ambiente terreno, chegando até a

possuir um passado – período em que não era completamente adepto do Espiritismo - onde constaram atos considerados impróprios de acordo com a moralidade de uma religião cristã, como já visto. Além disso, o médium cearense casou-se, teve nove filhos, fez carreira no Exército o que o obrigava a mudar-se com frequência, exercia suas funções como médium e palestrante dos centros espíritas pelos quais passou, fazia excursões ao Nordeste para ajudar na divulgação da doutrina espírita; sempre norteando suas práticas de acordo com o *ethos* espírita.

Mesmo os dois médiuns tendo contato constante com espíritos *desencarnados* de toda ordem, em Chico Xavier nota-se maior interação com aqueles classificados como responsáveis pelo desenvolvimento da doutrina espírita no Brasil – tanto Emmanuel como André Luiz tiveram papéis relevantes na atualização de preceitos do Espiritismo através das obras que ditaram para o médium mineiro.

Maior contato com o mundo espiritual, principalmente com agentes dele valorizados pelo movimento espírita brasileiro, pode ser pensando como uma das características que leva Chico Xavier a passar a ideia de indivíduo mais espiritualizado – menos ligado a aspectos do mundo “visível”. Peixotinho seria o exemplo de como um espírita deve-se comportar no mundo material sem deixar de vivenciar os seus aspectos – matrimônio, paternidade – mas agindo de acordo com os preceitos da doutrina espírita.

Outro ponto a comentar sobre ambos os Franciscos trata dos problemas graves de saúde: Chico Xavier possuía uma catarata inoperável nos olhos, e Peixotinho sofria constantemente com crises de asma; a nenhum dos dois foi concedido o privilégio da *cura espiritual*, já que de acordo com os seus espíritos mentores suas enfermidades tratavam-se de dívidas carmáticas com as quais deveriam conviver. Um relato retirado da biografia⁸ do médium cearense pode ajudar a compreender isto:

“Peixotinho já trazia na sua estrutura biofísica, geneticamente condicionado, o ponto fraco, que se manifestaria, mais tarde, transformando-o em portador de asma. Evoluiu esse mal como fator predisponente para que a Lei de Causa e Efeito nele se manifestasse, com um rosário de dores e sofrimentos”. (TORRES DA SILVA, In: Vasconcelos, 2003, p. 186).

Doença, dor, limitações de toda sorte são elementos tidos como provações colocadas aos indivíduos para que eles aprendam a conviver com essas questões de forma a sublimá-las e evoluir espiritualmente.

As doenças de ambos os médiuns podem ser percebidas como uma dificuldade a mais para a mediunidade de cada um. A catarata de Chico Xavier o fazia sofrer bastante na hora de dar conta da enorme quantidade de livros e textos que necessitava psicografar, porque não bastava só escrever, ele também tinha que ler tudo que lhe era repassado pelo mundo espiritual. A asma de Peixotinho redobrava a carga de esforço, e conseqüentemente de cansaço, das suas sessões mediúnicas porque a mediunidade de *efeitos físicos* demanda muita energia e vitalidade do corpo do indivíduo – principalmente no seu caso, no qual as sessões poderiam durar mais de duas horas.

Ao comentar sobre as dificuldades – financeiras e de saúde – que acompanharam a vida dos dois médiuns, é importante lembrar que dentro desse contexto religioso o bom espírita não reclama das provas que lhe foram dadas porque acredita merecê-las seja porque são dívidas resgatadas de encarnações anteriores ou consequência de desvio de conduta na existência atual, podendo ser também uma forma de servir de exemplo de superação para aqueles com quem convive. Deve, então, perpassar as suas provações sem perder a esperança no futuro, a alegria de viver, e a fé em Deus. Nas passagens da biografia de Peixotinho vários dos seus filhos comentam a respeito de que mesmo quando estava em crise de asma o pai não perdia a sua fé, permanecia fazendo preces, e assim que recuperava a normalidade da respiração agradecia ao alto pela nova oportunidade de bem estar que lhe estava sendo concedida.

O quadro abaixo sintetiza as semelhanças e diferenças que discutimos:

Quadro 1 – Resumo.

Peixotinho	Chico Xavier
Cearense – interior.	Mineiro – interior.
Mediunidade pela qual ficou conhecido: efeitos físicos.	Mediunidade pela qual ficou conhecido : psicográfica – intelectual.
Pluralidade de mentores espiritual.	Único mentor espiritual
Maior autonomia quanto ao mundo espiritual.	Menor autonomia quanto ao mundo espiritual.

Teve vida “profana” – consumo de álcool, cigarro.	Não teve vida “profana”
Órfão de mãe desde a infância.	Órfão de mãe desde a infância.
Restrições financeiras durante toda a vida.	Restrições financeiras durante toda a vida.
Doença carmática – asma.	Doença carmática – catarata.
Família católica.	Família católica.
Desapego a bens materiais.	Desapego a bens materiais.
Prática cotidiana da caridade cristã.	Prática cotidiana da caridade cristã.

Comparando mediunidades entre os dois Franciscos.

Lewgoy (2004) elabora uma reflexão a respeito do comportamento de um médium enfatizando na conduta de Chico Xavier, mas devido a proximidade nesse sentido dos dois médiuns é válido expor o seu comentário:

“Seus comportamentos sociais evidenciam uma atitude prudente de quem anda nas margens de diferentes mundos: por um lado, uma alegria franciscana diante da pobreza e das adversidades, articulada à fraternidade, caridade cristã e humilde conformidade diante da própria sorte e, de outro lado, uma constante resignação diante das muitas atribulações por que passou na vida” (LEWGOY, 2004, p. 76).

A mediunidade é vista nesse sistema de crenças como uma missão na qual se concentram uma alta carga de provas e expiações. O médium é visto como um testemunho de que os preceitos do Espiritismo podem ser comprovados. A *boa conduta* e adesão aos preceitos morais cristãos são exigências constantemente feitas aos médiuns, não só pelos seus mentores, mas também pelos membros da comunidade ao seu redor. Nesse ponto percebemos a presença do que pode-se fazer uma correlação com a articulação feita por Eduardo Dullo (2010)⁹ entre testemunho e exemplaridade:

“Tanto o testemunho quanto a exemplaridade estão articulando o mesmo campo semântico, com diferença de ênfase: o primeiro a afirma pela palavra a transformação ocorrida na vida do sujeito, o segundo afirma pelas ações cotidianas – *Magis movent exempla quam verba.*” (Ibid., p. 7).

As mudanças ocorridas na vida de Peixotinho – desprendimento dos vícios, adesão à *conduta espírita*, vivência religiosa no cotidiano – contribuem para a sua condição de testemunho e exemplo da religiosidade cristã e espírita.

Agregada à prática da mediunidade estão duas outras categorias religiosas extremamente importantes para a doutrina espírita: o estudo e a caridade. Antes de exercer a sua mediunidade o indivíduo deve passar por longos períodos de estudo¹⁰, os quais não terminam depois que os trabalhos são iniciados. A leitura das *obras da codificação*, principalmente o Livro dos Espíritos, Evangelho Segundo o Espiritismo, e Livro dos Médiuns, deve fazer parte do cotidiano do indivíduo, assim como das obras psicografadas por Chico Xavier. Peixotinho mantinha contato regular com o seu contemporâneo mineiro, e costumava receber cópias das suas obras logo após os lançamentos.

Quanto à caridade, para os espíritas, ela não se restringe somente a ajuda material, a esse apoio junta-se o apoio espiritual. Uma palavra que tranquilize, um gesto que conforte, uma atitude que demonstre preocupação, a divulgação dos ensinamentos de Jesus Cristo podem também servir como atitudes caridosas. A caridade para os seguidores dessa doutrina se enquadra no sentido de amor fraterno, ou como eles preferem, o amor ao próximo de acordo com os ensinamentos cristãos reinterpretados à luz do Espiritismo.

Essa ideia se aproxima à noção de dádiva encontrada pela pesquisadora Roberta Campos (2003) entre os “Ave de Jesus”¹¹. A dádiva para esse grupo é o eixo principal das suas práticas sociais, por meio dela os indivíduos determinam a sua existência enquanto membros dessa comunidade. A reciprocidade, para os “Ave de Jesus”, estaria relacionada com os “valores comunais em oposição a uma moralidade fundada em princípios individualistas” (ibid., p.234). A característica marcante da dádiva nesse grupo, observada por Campos, trata-se da ausência do cálculo, aspecto também correlacionado à forma como os espíritas a percebem. A obrigação de praticar a caridade existe, mas não de forma instrumental e calculada, porque se ela assim o for não é reconhecida como sendo prática condizente com os preceitos cristãos.

O objetivo principal é a reforma e aprimoramento espiritual e moral do ser humano, sendo a caridade um dos vários pontos que cada um deve trabalhar na sua trajetória pessoal. Porém, além dela existe o estudo e o trabalho, no qual a mediunidade se encaixa.

É através dela e do seu veículo – os médiuns – que os dois mundos, o “visível” e o “invisível”, se comunicam. Os espíritas acreditam que um dia todos nós seremos capazes de entrarmos em contato com os espíritos *desencarnados* sem precisar desse tipo de mediação visto que, segundo eles, somos todos médiuns em potencial. Maria Laura Viveiros de Castro resume bem essa noção:

“Segundo o Espiritismo, todo homem é, como vimos, um médium, querendo-o ou não, sabendo-o ou não. Todavia, os espíritas distinguem entre o mediano, o médium nesse sentido amplo, e o médium ostensivo, aquele capaz de colocar-se explicitamente a serviço do Mundo Invisível. Trata-se, no primeiro caso, da comunicação espiritual, comunicação imperceptível, difusa, cotidiana, que os Espíritos travam com os homens por meio do pensamento. E, no segundo caso, da comunicação espírita propriamente dita.”(CAVALCANTI, 2008, p. 52).

Os dois Franciscos se enquadram numa categoria de médiuns *polivalentes*, ou seja, possuem mais de um tipo de mediunidade sendo todos eles bastante desenvolvidos. Peixotinho, assim como Chico Xavier, enxergava e conversava com espíritos como se estivesse falando com seres *encarnados*, além de exercer a prática da *psicografia*. Contudo, ao contrário do seu contemporâneo de Minas Gerais, Peixotinho psicografava apenas receitas de medicações homeopáticas. A principal diferença de mediunidade entre os dois está em um tipo que se faz presente no médium cearense e não no mineiro: a mediunidade de *efeitos físicos*, a partir dela Peixotinho tinha a capacidade de realizar transporte de objetos e materializações. Para facilitar o entendimento a respeito desta questão sintetizamos no quadro abaixo os principais tipos de mediunidade, os seus conteúdos e apontamos quais delas cada um dos médiuns possuía.

Quadro 2 - Mediunidades.

Tipos de Mediunidade	Conteúdo	Peixotinho	Chico Xavier
Efeitos físicos	Capacidade de liberar ectoplasma.	X	–
Sensitiva ou impressionável	Capacidade de sentir a presença de um espírito.	X	X
Audiente	Capacidade de ouvir espíritos.	X	X
Vidência	Capacidade de enxergar espíritos quando em vigília.	X	X
Sonambúlica	Capacidade de em estado de sonambulismo entrar em contato com espíritos.	–	–

Cura	Capacidade de curar ou de aliviar o doente, pela só imposição das mãos, ou pela prece.	X	–
Pneumatografia, ou escrita direta.	Capacidade de receber diretamente dos espíritos mensagens por escrito sem o auxílio de um médium psicógrafo.	X	–
Escrevente, ou psicografia.	Capacidade de escrever sob a influência de espíritos.	X	X
Receitista.	Capacidade de psicografar prescrições médicas: medicamentos e tratamentos.	X	–
Artística.	Capacidade de executar manifestações artísticas – pintura, música, desenho – sob a influência de espíritos.	–	–
Intuição.	Capacidade de comunicar-se com os espíritos pelo pensamento.	X	X
Inspiração.	Capacidade de receber sugestões dos espíritos por meio do pensamento.	X	X
Pressentimento.	Capacidade de intuir vagamente acontecimentos futuros.	X	X
Profética.	Capacidade de prever eventos futuros.	–	–

(Legenda: “X” – presente em, “– “ – ausente em.)

A contribuição de cada um dos Franciscos é entendida pelos trabalhadores da Fraternidade Espírita Peixotinho como trabalhos que se complementam em prol do movimento espírita brasileiro; enquanto Chico Xavier é tido como aquele que trouxe através das *psicografias* ensinamentos e relatos do mundo espiritual, Peixotinho se enquadra no papel de comprovação da influência dos espíritos no corpo humano, como já sinalizado.

“Juntos, representam os dois pontos de apoio para a consolidação da codificação Kardequiana no país. O médium iluminado de Pedro Leopoldo e, mais tarde, de Uberaba, constituindo-se na porta aberta para a veiculação das novas ideias reveladoras do dinamismo da vida espírita; o casca¹² dos espíritos que se materializavam nimbados de luz, nas salas hermeticamente fechadas e escuras dos grupos espíritas Pedro (Macaé), André Luís (Rio de Janeiro) e Aracy (Campos), fazendo brotar na consciência de seus companheiros aquele conceito de conduta espírita, baseado numa convicção inabalável.” (VASCONCELOS, 2003 p.59-60).

Apesar de um papel tão importante para o movimento espírita brasileiro, a obra de Peixotinho não chegou a alcançar notoriedade junto ao público não-espírita, enquanto que as obras e a história de vida do médium mineiro ultrapassam os limites dos centros

espíritas. E, apesar de nos ter chamado a atenção o fato do médium mineiro ter a sua figura mais evidente fora do movimento espírita do que o médium cearense, para os espíritas com os quais convivemos isso parece passar despercebido. Quando eram questionados a este respeito sempre respondiam que “Peixotinho tem a sua importância e reconhecimento dentro do movimento espírita, chega até a ser conhecido internacionalmente”, demonstrando despreocupação com o que concerne, nessa questão, os limites que ultrapassam o seu movimento religioso. Porém, podemos notar que existe nesse ponto a substituição de uma importância por outra: Peixotinho não é conhecido nos mesmo moldes de Chico Xavier, mas isso não quer dizer que ele não o seja pelo que fez e pela sua mediunidade. Os membros da Fraternidade Peixotinho demonstram segurança no que diz respeito à importância e ao reconhecimento do trabalho do médium a quem prestam homenagem, indicando que a sua legitimidade não é questionada dentro do movimento espírita – tanto o brasileiro quanto o internacional. Logo, encontramos a presença de um sistema que reforça a crença desses indivíduos lhes dando a certeza necessária para amparar a religião que escolheram.

Para finalizar essa discussão, é válido citar uma reflexão feita por Cavalcanti (2008) para entendermos melhor a diferença entre dois tipos de mediunidade que perpassam os médiuns aqui citados:

“A psicografia pode ser aproximada, no plano da mediunidade, ao estudo, e aponta, [...] para um aspecto importante desse sistema religioso que é o da inovação doutrinária. A incorporação por sua vez aproxima-se da caridade, e revela outros aspectos da experiência mediúnica.” (CAVALCANTI, 2008, p.113).

Portanto, analisando sob esse aspecto e lembrando que na mediunidade estão contidas as dimensões da caridade e do estudo, é possível compreender um dos motivos pelos quais os Franciscos, mineiro e cearense, são vistos como personagens complementares dentro do movimento espírita. Contudo, nessa complementaridade, os elementos são qualificados e hierarquizados diferentemente de tal forma que Chico Xavier acaba ficando – no contexto geral – numa posição de mais notoriedade e hierarquicamente superior chegando até ao ponto de alguns espíritas dizerem que ele tinha condições de desenvolver a mediunidade de efeitos físicos, mas preferiu cedê-la a Peixotinho e focou na mediunidade mais intelectual. Isso é explicado pelos nativos a partir da ideia de que os fenômenos físicos eram necessários durante o período inicial do movimento espírita para comprovar que o mundo espiritual de fato existia e era possível a comunicação com os

seres que já tinham falecido. Após essa fase, as obras psicografadas passaram a ser a melhor forma de atrair as pessoas para o Espiritismo, principalmente os romances que traziam as descrições da vida além-morte e das cartas de familiares, ou como eles preferem colocar: através da razão, visto que fenômenos atraem, mas não convencem. Porém, isso não faz com que os indivíduos com os quais dialogamos deixassem de utilizar discursos diversos para legitimar o médium ao qual o centro espírita que fundaram e trabalham presta homenagem, dentre estes discursos de legitimação está a sua relação complementar com Chico Xavier.

Considerações finais

Refletimos a partir da comparação das trajetórias e mediunidades de Peixotinho e Chico Xavier sobre a valorização entre os espíritas kardecistas dos tipos de mediunidade tidos como *intelectuais* em detrimento de outros que são mais ligados a elementos corporais no qual se enquadra a do médium cearense. Diante disso, apesar dos nativos salientarem a complementaridade entre as duas figuras, o modelo de Peixotinho é posicionado tanto como um fenômeno do passado quanto um tipo inferior ou, até mesmo, menos evoluído de mediunidade.

Ficou também notória a presença da família dele como gerenciadora da divulgação dos aspectos que envolvem essas questões, assim como o esforço dos membros dela para legitimar a relevância do trabalho desse médium, da sua trajetória de vida e das sessões mediúnicas que participava devido à desvalorização – na atualidade – do tipo de mediunidade que possuía – a de efeitos físicos, mais ligada ao corpo e a elementos materiais.

Debatemos essa questão a partir do conceito *exemplaridade*, com o qual entendemos a necessidade dentro de alguns contextos de elementos que torne o indivíduo um exemplo a ser seguido o qual deve conter na sua vivência evidências que comprovem isso. Tudo isso estava envolvido numa abordagem comparativa na qual contrastamos a mediunidade e trajetória de Peixotinho com a de Chico Xavier, que também trouxe à nossa percepção a questão da divergência de *autonomia* que cada uma das figuras apresentava em relação ao mundo espiritual. Esperamos também que os dados aqui trabalhados ajudem a suscitar reflexões que extrapolem os elementos abordados.

Notas

- ¹ Trata-se de uma das características dos “médiums auditivos”, ou seja, que possuem a capacidade de escutar os espíritos.
- ² Nome dado pelos espíritas a uma substância composta por matéria neuro-orgânico-etérea.
- ³ Iremos tratar mais detalhadamente sobre essa faceta da mediunidade de Peixotinho no terceiro capítulo deste trabalho.
- ⁴ Entretanto, na Fraternidade Espírita Peixotinho, é possível perceber que os palestrantes além de citar Chico Xavier como espírita exemplar, fazem o mesmo com referência a Peixotinho; os seus familiares o colocam nesse patamar com ainda mais recorrência do que os outros palestrantes, mas todos eles remetem sempre ao mentor espiritual do local. Existe sempre essa busca por legitimação do médium cearense perante o público em geral – constituído por gradação de pessoas que vão de mais a menos ligadas ao movimento espírita brasileiro, mesmo dentro de um contexto onde o discurso oficial é de uma complementariedade entre os dois médiums.
- ⁵ Sobre Chico Xavier ver o trabalho de Bernardo Lewgoy (2004).
- ⁶ Ver Lewgoy, 2004.
- ⁷ Juntamente a essa categoria surge o debate em torno da agência do médium, levando em consideração que em alguns tipos de mediunidade – as *inconscientes* – ele cede o seu lugar no corpo para que outras entidades possam manipulá-lo. Estamos cientes dessa problemática, porém devido à limitação impostas a uma monografia não foi possível desenvolvê-lo neste momento.
- ⁸ “Tornar-se espírita é afirmar que se emancipou da arraia-miúda que representa a sensualidade e a desordem, e que se optou por valores como seriedade, trabalho, organização e disciplina.” (AUBREÉ & LAPANTINE, 2009, P. 221)
- ⁹ “Materialização do Amor”, Humberto Vasconcelos.
- ¹⁰ Elaborada no artigo “*Uma pedagogia da exemplaridade: a dádiva cristã como gratuidade*”, em que analisa a interação de dois coletivos de agentes: os religiosos católicos que presidem o Centro Social Marista (CESOMAR) e os jovens atendidos por este Centro.
- ¹¹ Comenta-se que Emmanuel, o guia espiritual de Chico Xavier, o fez passar cinco anos estudando e praticando a sua mediunidade antes de considerá-lo pronto para iniciar a psicografia das obras que foram publicadas e ficaram famosas.
- ¹² Grupo de penitentes do Juazeiro do Norte (CE).
- ¹³ Trata-se do apelido que a Espiritualidade deu a Peixotinho.

Referências Bibliográficas

- CAILLÉ, Allain. O Dom entre Interesse e “Desinteressamento”. In: MARTINS, P.H.; CAMPOS, R. (Org.). **Polifonia do Dom**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p.25-66.
- AUBREE, M. ; LAPLANTINE, F. **A mesa, o livro, e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento espírita entre França e Brasil**. Maceió: Editora da UFAL, 2009 403p.
- CAMPOS, R. B. C. . Utopia e Sociabilidade: imagem de sofrimento e caridade numa comunidade de penitentes do Juazeiro do Norte. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, p. 211-250, 2003.
- CAVALCANTI, M. L. V. C. **O Mundo Invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo**. 2008. Disponível em < <http://www.bvce.org/LivrosBrasileiros.asp>>. Acessado em Dezembro 2010.
- DULLO, E. Uma pedagogia da exemplaridade: a dádiva cristã como gratuidade. In: **27 Reunião da Associação Brasileira de Antropologia**, 2010, Belém. 27 RBA. 2010. v. 1. p. 1-20.
- LEWGOY, B. **O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. 136p. Coleção Ciências Sociais.
- SWATOWISKI, C. W. Texto e Contextos da fé: o discurso mediado de Edir Macedo. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 27 (1): 114-131, 2007.
- VASCONCELOS, H. **Materialização do Amor: vida e obra de Peixotinho**. 2ed. Recife: Doxa, 2003. 324p.